

FAUNA FLORA E ARTE

“ A fauna e a flora do surrealismo são inconfessáveis”, disse Breton. Esta citação exprime bem o envolvimento imaginoso da criação plástica (e também poética) de Artur Cruzeiro Seixas. Em suas pinturas, desenhos, colagens, etc., prevalece um universo de formas que se diria “inconfessável”. Com efeito nele há um testemunho que fica interdito, que é impossível porque se torna ambiguamente interior, secreto.

Que segredo é esse? Para tudo se dizer numa palavra, poderíamos admitir que ele se encontra relacionado com a nudez. Ela, a nudez, é o que está secretamente descoberto. Afinal um visível e, ao mesmo tempo, invisível lugar de encontro. Assim entendida, ela não diz respeito apenas ao corpo humano; também se refere às coisas. Por outras palavras, corresponde a uma encenação, precisamente a do despojamento.

Há uma tradição na representação da nudez que vem, sobretudo, da estatutária grega, clássica. Esta tradição está presente em Cruzeiro Seixas. Mas ela é subvertida. Os corpos ficam contorcidos, imbricados uns nos outros, tornam-se compósitos, estão decepados, sofrem alongamentos, distensões. Os plintos - os lugares onde assentam as composições escultóricas clássicas - são atravessados por esses corpos, tornam-se transparentes, fragmentam-se.

As coisas, os seres vivos estão sujeitos a transformações. O universo plástico de Cruzeiro Seixas é, magnificamente, o da metamorfose. Os peixes são a face de alguém ou os seus braços, os cabelos são

chamas, as pernas e os pés pertencem a outros seres ou, até, a objectos, a lua atravessa a frente, as arvores têm "todos os seus sexos", nas coisas há um ou mais rostos, corpos dos cavalos fica repartido, enxerta-se noutras figuras. É a "infinita galeria de espelhos"...

Há um espaço de ilusão e, também, de plena verdade. Duas afirmações, que são de Cruzeiro Seixas, exprimem precisamente isto: "poucas coisas possíveis acontecem. O que é mais quotidiano é o impossível"; "prefiro o acaso, mas o acaso que prefiro é um acaso mágico".

Mas há outra espécie de citações. Se considerarmos algumas das suas colagens, poderíamos encontrar fragmentos de Chirico, Luca Signorelli, Miguel Angelo etc. E, ao falar de alquimia, Cruzeiro Seixas refere a propósito a obra de Gustave Moreau ou de Boecklin. É obvio que as raízes de Cruzeiro Seixas são outras, mas indirectamente entrevê-se a "maraviglia" e a "terribilità" (Signorelli, Miguel Ângelo), a pintura metafísica (Chirico), o simbolismo ou, melhor, um certo simbolismo a que os surrealistas, como André Breton, foram sensíveis (Moreau, Boecklin).

Surpreender nesta imaginária tradição impossível uma originalidade possível, eis o que Cruzeiro Seixas sempre conseguiu. Mesmo em relação aos próprios artistas plásticos que estiveram ligados ao nosso Surrealismo, ele soube ganhar uma individualidade que lhe é própria, porque, como disse, "o Surrealismo é uma estrada que me segue". Assim, vai de certo modo sozinho para que seja melhor acompanhado pela sua obra.

Fernando Guimarães